

## Sempre as mais vulneráveis: mulheres e crianças em meio aos conflitos

Maria Teresa Rossetti Massari

Maria Auxiliadora de Souza Mendes Gomes

**Abstract:** *A humanitarian crisis is unfolding in Gaza. Fuel, water and electricity are running out and the healthcare system is on the verge of collapse. An estimated 50,000 pregnant women are currently involved in the conflict in the region and around 160 women will give birth every day amid the chaos and fighting. These women face extreme challenges in accessing safe health services, as hospitals are overloaded with patients, without medications and basic supplies – including supplies for the management of obstetric emergencies. With nearly half of Gaza's population displaced, the risk of gender-based violence has also increased exponentially for women and girls on the move, seeking refuge in shelters. Women living in the region have unique and urgent needs and vulnerabilities, both associated with the current conflict, but also as a consequence of structural gender discrimination, related to laws that assume women are under the protection and guardianship of men. The paper also presents UN Women's statement on the situation and recalls the six grave violations against children in situations of armed conflict, recognized by the UN Security Council, which must be monitored.*

**Keywords:** *Gender-based-violence; Armed conflicts; Human rights abuses; Women's health; Child Health*

**Resumo:** Uma crise humanitária está em curso em Gaza. O combustível, a água e a eletricidade estão acabando e o sistema de saúde está à beira do colapso. Estima-se que 50 mil mulheres grávidas na região estejam atualmente envolvidas no conflito e cerca de 160 mulheres darão à luz todos os dias no meio do caos e dos combates. Estas mulheres enfrentam desafios extremos no acesso a serviços de saúde seguros, uma vez que os hospitais estão sobrecarregados de pacientes, sem medicamentos e insumos básicos – inclusive para a gestão de emergências obstétricas. Com quase metade da população de Gaza deslocada, o risco de violência baseada em gênero também aumentou exponencialmente para as mulheres e meninas que se deslocam, procurando refúgio em abrigos. As mulheres que vivem na região têm necessidades e vulnerabilidades únicas e urgentes, tanto associadas com o atual conflito, mas também como consequência da discriminação estrutural de gênero, relacionada a leis que pressupõem que as mulheres estejam sob a proteção e tutela dos homens. O informe também apresenta a declaração da ONU Mulheres sobre a situação e relembra as seis graves violações contra crianças em tempos de guerra reconhecidas pelo Conselho de Segurança da ONU, que devem ser monitoradas.

**Palavras-chave:** Violência de gênero; Conflitos armados; Violação dos direitos humanos; Saúde da mulher; Saúde da criança

### A situação em Gaza

Após o ataque do Hamas a Israel, em 7 de outubro de 2023, que resultou em cerca de 1.400 mortes, 4.629 feridos e uma estimativa de 200 reféns - as Forças Armadas de Israel

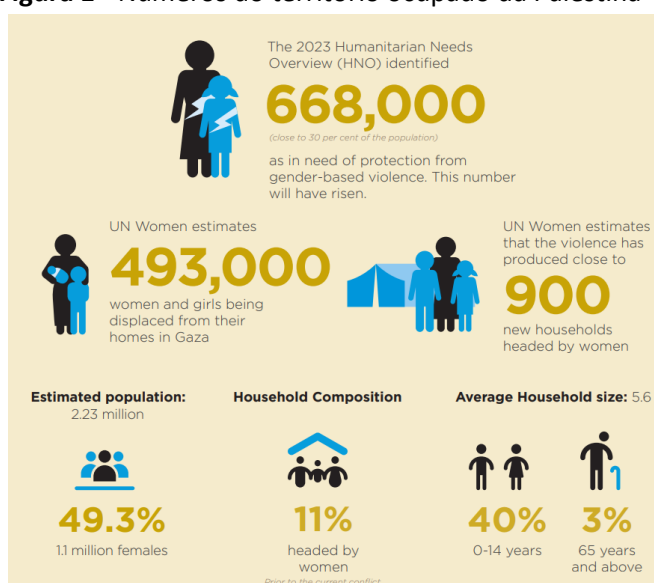
lançaram ataques por terra, mar e ar contra Gaza. Desde então, diversas agências publicaram alertas e se posicionaram sobre os potenciais riscos para a vida de mulheres e crianças.

A ONU Mulheres aponta que até o dia 20 de outubro os ataques resultaram em mais de 3.785 mortes palestinas e mais de 12.500 pessoas feridas, sendo que 53% são mulheres e crianças. Mais de um milhão de pessoas, quase metade da população de Gaza, foi deslocada e as infraestruturas civis da região foram significativamente danificadas, com 5.262 edifícios destruídos ou gravemente danificados.

A agência ainda ressalta que a violência não só continua, mas está escalonando e se espalhando para além de Gaza e de Israel, com 79 palestinos mortos na Cisjordânia desde 7 de outubro. À medida que a comunidade internacional procura responder a essa grave situação, o impacto da crise nas questões de gênero não pode ser ignorado.

**Figura 1 - Números do território ocupado da Palestina**

A ONU Mulheres estima que desde o início dos ataques cerca de 493 mil mulheres e meninas foram deslocadas das suas casas em Gaza. A agência também estima que 1.487 homens foram mortos (até 20/10/2023). Como resultado, a violência levou a um aumento de viúvas para 900 novos lares e 3.103 crianças que perderam seus pais. Esses números devem aumentar, já que não há nenhum avanço efetivo para um cessar-fogo.



UN Women, 2023.

### O que isso significa para mulheres e meninas?

- Maiores riscos de violência e trauma psicológico;
- Perda de meios de subsistência, habitação e terras, impactando desproporcionalmente as famílias chefiadas por mulheres e viúvas;
- Risco elevado de exploração sexual e laboral, tráfico de pessoas e casamento forçado;
- Mulheres idosas, especialmente aquelas com deficiência, enfrentam o mais alto nível de negligência e violência.

### Violência Sexual em Conflitos

O relatório [Violência Sexual Relacionada à Conflitos](#), publicado em 2022 pela Organização das Nações Unidas, aponta que 97% dos incidentes têm como alvo mulheres e meninas e descreveu o risco aumentado que migrantes, refugiadas e deslocadas enfrentam. O documento ressalta que os fatores que contribuem para a violência sexual são os ataques contínuos contra mulheres e meninas envolvidas em atividades de subsistência, dificuldades econômicas e políticas, instabilidade e desigualdade de gênero.

A violência sexual relacionada a conflitos cobra um preço indescritível a um sobrevivente, que provavelmente é um civil e não um combatente. Faltam esforços nos serviços de prevenção, proteção e tratamento.

Uma cultura de impunidade envolve este flagelo: os perpetradores permanecem livres, enquanto as sobreviventes ficam com cicatrizes físicas e emocionais duradouras, roubadas não apenas de saúde, dignidade e paz, mas também de justiça. A violência sexual também impede a participação das mulheres na vida social, política e econômica. Os custos do conflito são grandes. Mas os custos do conflito pagos em grande parte por mulheres e meninas são incalculáveis.

### **Mulheres grávidas sob risco**

A UNFPA estima que existam 540 mil mulheres em idade reprodutiva em Gaza, entre as quais 50 mil estão atualmente grávidas e 5.522 deverão dar à luz no próximo mês. Na Cisjordânia, cerca de 73 mil mulheres estão grávidas, prevendo-se que mais de 8.120 deem à luz no próximo mês, à medida que a violência ameaça alastrar-se.

A fim de dar maior visibilidade à urgência que a situação em Gaza representa para a vida dessas mulheres, a organização tem publicado relatos e vídeos das mulheres grávidas: “O meu bebê estava a sentir cada explosão”, disse uma mulher grávida do norte de Gaza a partir da escola onde está atualmente abrigada. Na noite anterior, ela dormiu num chão frio que balançava a cada explosão de bomba, disse ela.

Outra mulher descreveu ter entrado em trabalho de parto quando ela e a sua família evacuaram a sua casa durante o bombardeio: “Eu não tinha ideia de onde ou como faria o parto do meu bebê”, disse ela. Ela conseguiu chegar a uma ambulância, que a transportou para a maternidade do Hospital Al Shifa, o maior centro médico de Gaza – mas teve alta apenas três horas depois de dar à luz uma menina para dar espaço aos feridos que estavam chegando. O diretor do Hospital Al Shifa, Dr. Mohammad Abu Salmiya, relatou que “As equipes médicas estão sobrecarregadas e têm trabalhado incansavelmente, 24 horas por dia, desde o início da escalada. Contamos com um fornecimento de combustível muito limitado para manter as nossas operações. Se ficarmos sem combustível, o hospital poderá ser transformado em cemitério coletivo.”

Uma mulher grávida de 30 anos disse à UNFPA que se escondeu nas sombras enquanto as bombas caíam. Ela tem sido dominada por tonturas, fadiga e uma forte dor de cabeça desde que fugiu de casa. “Cada passo parecia uma corrida contra a morte”, disse ela.

Para acessar o vídeo, [clique aqui](#).

### **Nenhuma escapatória**

Mesmo antes dessa crise, a situação em Gaza já era terrível - 97% dos homens e 98% das mulheres temiam pela sua segurança. Os níveis de depressão entre mulheres e homens eram elevados devido a um profundo sentimento de desesperança e desemprego; 54% dos homens de Gaza mostraram sinais de ansiedade e depressão (números mais elevados em todo o Oriente Médio) principalmente devido a limitações financeiras. Em 2022 as taxas de desemprego atingiram 45% na Faixa de Gaza, em comparação com 13% na Cisjordânia. Isto equivale a 40% para as mulheres em comparação a 20% para os homens em toda a Palestina.

A população significativa e largamente deslocada de mulheres e meninas e novos agregados familiares chefiados por mulheres têm necessidades urgentes e vulnerabilidades que devem ser reconhecidas e abordadas. Estas necessidades e vulnerabilidades decorrem da

discriminação estrutural de gênero, incluindo leis na Palestina que assumem que as mulheres estão sob a proteção e tutela dos homens, o que aumenta os riscos para as mulheres, entre outras coisas, de violência baseada no gênero e insegurança alimentar.

Insumos que salvam vidas, como água, saneamento, alimentos, combustível e cuidados de saúde, são essenciais para a sobrevivência e o bem-estar dessas famílias. Isso deve ser combinado com suporte para que mulheres e meninas tenham acesso a abrigos seguros, apoio, proteção e cuidados de saúde materna.

### **Posicionamento e principais recomendações da ONU Mulheres nos Territórios Palestinos Ocupados**

- Cessar-fogo imediato;
- Acesso humanitário sustentado para facilitar a entrada imediata de necessidades humanitárias, incluindo alimentos, água, combustível e suprimentos de saúde para mulheres e meninas em Gaza;
- Garantir proteção e facilidade no acesso de mulheres e meninas, incluindo sobreviventes da violência baseada em gênero a serviços essenciais, e apoio aos prestadores de serviços na tomada de todas as medidas necessárias para prevenir o abuso e a exploração sexual, considerando a atual escalada de violência e os deslocamentos internos;
- Garantir que as organizações/instituições lideradas por mulheres tenham financiamento adequado e possam envolver-se de forma eficaz no planejamento de resposta à crises humanitárias, incluindo o Fundo Humanitário para Mulheres e Paz, e o [Apelo de Emergência](#) (US 10 milhões) proposto para apoiar organizações locais de mulheres que trabalham no território ocupado da Palestina;
- Garantir que as mulheres participem de forma significativa de ações humanitárias, na liderança dos processos políticos e de tomadas de decisão.

### **Declaração da ONU Mulheres sobre a situação em Israel e nos Territórios Palestinos**

**Ocupados** (13/10/2023 - tradução nossa)

*“A ONU Mulheres condena os ataques contra civis em Israel e nos Territórios Palestinos Ocupados e está profundamente alarmada com o impacto devastador sobre os civis, incluindo mulheres e meninas.*

*Reiteramos o apelo do Secretário-Geral da ONU a todas as partes para que garantam a segurança dos civis e das infra-estruturas civis. O Direito Internacional Humanitário e os Direitos Humanos devem ser respeitados e defendidos.*

*A situação humanitária em Gaza era terrível antes destas hostilidades e agora piorou gravemente. Isto acarreta custos injustificáveis e específicos para as mulheres e meninas. A exigência de realocar imediatamente 1,1 milhão de pessoas do norte de Gaza, enquanto todo o território está sitiado, é extremamente perigosa.*

*Reiteramos hoje o apelo do Secretário-Geral ao acesso irrestrito dos intervenientes humanitários em Gaza, incluindo as Nações Unidas, para prestar ajuda aos mais afetados. Isto é essencial para responder às necessidades desesperadas e imediatas das mulheres e crianças, incluindo alimentos, água e proteção. Também nos juntamos ao seu apelo para a libertação imediata dos reféns.*

*A ONU Mulheres tem apoiado as mulheres palestinas desde 1997 na conquista dos seus direitos sociais, econômicos e políticos. Continuamos presentes no terreno para prestar apoio e assistência e o faremos durante o tempo que for necessário”.*

### **Crianças e Conflitos os Armados**

Onde há conflitos armados, há violações no direito de crianças. Os conflitos armados têm impactos devastadores diretos nas crianças, nas famílias e nas comunidades. Eles expõem nações inteiras a um cenário de vulnerabilidade extrema, tornando a tarefa de restaurar e manter a paz, longa e difícil.

Em junho de 2022 a UNICEF publicou um relatório sobre 25 anos das ações da comunidade internacional no sentido de compreender como os conflitos e guerras afetam as crianças, suas consequências duradouras e quais medidas devem ser tomadas para protegê-las diante deste cenário ([25 Anos de Crianças e Conflitos Armados: agindo para proteger as Crianças na Guerra](#)).

O documento convoca os Estados, incluindo os membros do Conselho de Segurança da ONU e todos com influência, para agir no sentido de responsabilizar os perpetradores de crimes contra crianças. As crianças têm direitos em conflito, e existem leis e normas que as protegem. Deixar de cumprir esses deveres é uma falha de moralidade, humanidade e liderança.

Para melhor monitorar, prevenir e acabar com esses ataques, o Conselho de Segurança das Nações Unidas [identificou e condenou seis graves violações contra crianças em tempos de guerra](#):

#### **1) Matar e mutilar crianças**

Matar e mutilar crianças pode ser resultado de ações diretas ou indiretas, incluindo tortura. Matar e mutilar podem ocorrer por meio de fogo cruzado, minas terrestres, munições de fragmentação, artefatos explosivos improvisados ou mesmo no contexto de operações militares, demolições de casas, campanhas de busca e prisão ou ataques suicidas.

Por exemplo, o uso de armas explosivas – particularmente em áreas povoadas – continua a ter um impacto devastador nas crianças. Somente em 2020, armas explosivas e restos explosivos de guerra foram responsáveis por pelo menos 47% de todas as mortes de crianças. Entre 2005 e 2020, mais de 104.100 crianças foram confirmadas como mortas ou mutiladas em situações de conflito armado, com mais de dois terços destas verificadas desde 2014.

#### **2) Recrutamento ou uso de crianças nas forças armadas e grupos armados**

Recrutamento ou uso de crianças nas forças armadas e grupos armados refere-se ao recrutamento compulsório, forçado ou voluntário ou alistamento de crianças em qualquer tipo de força armada ou grupo armado. As crianças continuam a ser recrutadas e usadas pelas partes em conflito a taxas alarmantes. O uso de meninos e meninas por forças armadas ou grupos armados pode ser em qualquer capacidade, inclusive como combatentes, cozinheiros, carregadores, mensageiros e espiões, ou quando são submetidos à exploração sexual.

Entre 2005 e 2020, mais de 93.000 crianças foram verificadas como recrutadas e usadas pelas partes em conflito, embora se acredite que o número real de casos seja muito maior. O grupo de trabalho da ONU que faz o monitoramento da situação verificou o recrutamento e uso de pelo menos 1.000 crianças em pelo menos 15 países diferentes durante este período.

#### **3) Ataques a escolas ou hospitais**

Os ataques a escolas ou hospitais incluem o ataque a escolas ou instalações médicas que causam a destruição total ou parcial dessas instalações. Escolas e hospitais devem ser espaços protegidos, onde as crianças estejam seguras mesmo em tempos de conflito, mas os ataques contínuos a essas instalações destacaram o impacto catastrófico do conflito armado nos direitos das crianças, incluindo os direitos à educação e à saúde.

Entre 2005 e 2020, as Nações Unidas verificaram mais de 13.900 incidentes de ataques, incluindo ataques diretos ou ataques onde não houve distinção adequada entre objetivos civis e militares, em instalações educacionais e médicas e pessoas protegidas, incluindo alunos e crianças hospitalizadas, e pessoal da saúde e da escola. Esses ataques não apenas colocam a vida das crianças em risco, mas também interrompem seu aprendizado e limitam seu acesso à assistência médica, o que pode ter um impacto vitalício em sua educação, oportunidades econômicas e saúde geral.

#### 4) **Estupro ou outra violência sexual grave**

Estupro ou outra violência sexual grave inclui atos de estupro, outras violências sexuais, escravidão sexual e/ou tráfico, prostituição forçada, casamento ou gravidez forçados, esterilização forçada ou exploração e/ou abuso sexual de crianças. Em alguns casos, a violência sexual é usada para humilhar intencionalmente uma população ou para forçar as pessoas a saírem de suas casas.

Entre 2005 e 2020, as partes em conflito estupraram, casaram-se à força, exploraram sexualmente e cometeram outras formas graves de violência sexual contra pelo menos 14.200 crianças. No entanto, o estigma generalizado em torno do estupro e da violência sexual significa que é uma questão particularmente subnotificada que afeta crianças em conflito. A violência sexual afeta desproporcionalmente as meninas, que foram vítimas em 97% dos casos de 2016 a 2020.

#### 5) **Rapto de crianças**

O rapto de crianças refere-se à remoção ilegal, apreensão, captura, apreensão ou desaparecimento forçado de uma criança, temporária ou permanentemente. Seja um ato intencional de violência ou retaliação, para incutir medo nas populações ou para recrutar e/ou abusar sexualmente de crianças à força, o sequestro é uma das violações mais difundidas cometidas contra crianças em situações de conflito armado.

#### 6) **Negação de acesso humanitário para crianças**

A negação do acesso humanitário para crianças inclui a privação intencional ou impedimento da assistência humanitária essencial para a sobrevivência das crianças pelas partes em conflito, incluindo impedir deliberadamente a capacidade de atores humanitários ou outros que sejam relevantes para acessar e ajudar crianças afetadas em situações de conflito armado. Forças armadas e grupos armados são obrigados pelo Direito Internacional Humanitário a tomar medidas para proteger civis, incluindo crianças, que são particularmente vulneráveis em tempos de guerra.

**“Até as guerras têm regras”**, disse o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres. “O direito internacional humanitário e o direito dos direitos humanos devem ser respeitados e defendidos; os civis devem ser protegidos e nunca usados como escudos”.

## **Referências**

Crise em Gaza

Race against death

Statement - Catherine Russel

UN Women statement

Facts and figures

UN Women rapid response